Artigo publicado na Revista CEPPG – Nº 24 – 1/2011 – ISSN 1517-8471 – Páginas 171 à 178

LITERATURA E HISTÓRIA NAS *TENTAÇÕES DE SANTO ANTÃO* DE GUSTAVE FALUBERT[1]

Wanély Aires de Sousa[2]

Resumo: O presente artigo configura um estudo a respeito da obra inclassificável, uma vez que se situa entre o gênero dramático e o narrativo, de Gustave Flaubert, *As tentações de Santo* Antão, levando-se em consideração a discussão estabelecida por Luiz Costa Lima, dentre outros autores, acerca dos limites entre Literatura e História quanto ao fator ficcionalidade.

Palavras-chave: herege, santidade, história, ficção.

1. Introdução

O presente trabalho pretende observar os limites entre literatura e história, tendo por base os estudos de Luiz Costa Lima, em seu texto *A questão literatura/história*, do livro: Ficção, História e Literatura (2006). Para o desenvolvimento de tal análise foi escolhida uma obra pouco divulgada do escritor francês, mundialmente conhecido por sua efetiva e decisiva participação no surgimento da corrente literária nomeada de Realismo, *As tentações de Santo Antão.*

Tal produção literária é um significativo exemplo de texto em que ocorre a hibridização entre Literatura e História, sendo, no entanto, mais singular pelo fato de, contrariamente ao que acontece, partir do fato histórico para a ficcionalidade.

As tentações de Santo Antão configuram a trajetória de uma personagem lendária em sua travessia pelo deserto, no qual passou mais de vinte anos enfrentando todos os tipos de demônios e tentações, que, na visão de Gustave Flaubert, nada mais são que a presentificação da própria consciência humana diante de suas fraquezas advindas tão somente do enfraquecimento da fé, frente a tantas opções de crenças.

[1] Artigo entregue para conclusão da disciplina História e Ficção pela Universidade Federal de Uberlândia, ministrada pela Profª. Drª Kênia Maria de Almeida Pereira.
[2] Mestranda em Teoria Literária pela Universidade Federal de Uberlândia.

O ceticismo do autor de *Madame Bovary* transcende o habitual retrato da sociedade burguesa do século XIX e adentra o terreno do misticismo, das alucinações e da descrença representação pelo atormentado e herege Antão.

2. História e ficção na sustentação da imagem de Santo Antão

Para além da velha discussão sobre as diferenças entre a Literatura e História, a intenção desse trabalho se fundamenta no desejo de observar como conceitos de ambas se aglutinam na construção de um texto ficcional.

Normalmente, a reflexão acerca da relação intrínseca entre Literatura e História se dá no sentido de se constatar o fator ficcionalidade nos textos históricos, levando-nos a perceber que o historiador não é detentor da verdade, mas que consegue alcançar a verossimilhança, o que é possível, e que, em virtude disso, é aceito como real.

Segundo PESAVENTO (2006), não há possibilidade de se reconstruir o tempo, nem o presente, nem o passado. O historiador elabora versões dos fatos para a reconfiguração de um tempo específico, aproximando o trabalho da história ao ofício da literatura.

A diferença, de acordo com RICOER (2009), estaria no fato de que, ao contrário da Literatura, a História busca, sistematicamente, em sua tarefa de representação da realidade, evidências e provas que aproximem o leitor do real passado. No entanto, a relação entre Literatura e História é inegável tendo em vista que aquela é, com recorrência, testemunho de seu tempo, servindo de fonte de verdades simbólicas que se configuram via ficção.

Para a História, a Literatura serve como fonte que ultrapassa o poder dos demais artefatos históricos, uma vez que permite acesso ao imaginário. O mito, a lenda, a poesia, o romance desenham o mundo por meio de alegorias que carregam o poder de multiplica as possibilidades de leitura e de compreensão deste.

Por outro lado, há também a possibilidade, ainda que pouco falada, de a História ser uma fonte para a Literatura. E no mesmo movimento proporcionado pela ficção, o de permitir o preenchimento de lacunas que evidências históricas não conseguiram suprir, a Literatura ficcionaliza o fato real para multiplicar-lhe o sentido vertical, dando-lhe a pretensão de tornar-se mais falível e, assim, mais humano.

É bem por isso que há a necessidade de se compreender essa relação simbiótica entre Literatura e História. E que toda intenção de estudar um texto literário

requer, antes de qualquer esforço ou boa vontade, a compreensão de que esse objeto trata-se de um produto daquilo que se conhece por textualização, ou seja, a estrutura lingüística associada a uma determinada situação comunicativa, produzida por um autor, que se insere num plano Histórico para criar um contexto ficcional pautado na historicidade.

A esse respeito, João Batista Cardoso, em seu *Um Mapa da História sobre o Mapa da Ficção,* afirma:

> A história e a literatura não estão, dessa forma, em pontos distintos no contexto da atividade intelectual, ao contrário, são duas tipologias de reconfiguração do mundo articuladas entre si, pois o escritor de obras literárias e o autor de textos historiográficos andam pelos mesmos caminhos... (p.23)

Ainda que tão reflexão pareça paradoxal, é possível de ser constatada em algumas obras que partem do personagem histórico para configuração de uma realidade plurissignificativa da realidade. Este é o caso de *As tentações de Santo Antão,* de Gustave Flaubert.

Nesse caso, Flaubert escolhe o caminho da literatura para contar a história de uma personagem histórica. A obra não pode se quer ser classificada quanto ao gênero literário, já que guarda em si características estéticas que permitiriam seu enquadramento como texto dramático e ao mesmo tempo narrativo, reforçando a certeza de que estamos diante de um relato ficcional que se apropria da história como fonte de recriação.

As tentações de Santo Antão de Gustave Flaubert retoma uma antiga lenda do cristianismo, de uma perspectiva no mínimo surpreendente. Certamente porque se trata do olhar de um autor que foi eleito um dos mais importantes ícones do Realismo francês, senão o fundador dessa nova estética que supera o idealismo romântico.

A lenda, originalmente falando, conta que Santo Antão é considerado o Pai do monaquismo cristão, nasceu no Egito em 251 e faleceu em 356; viveu mais de cem anos, mas a qualidade é maior do que a quantidade de tempo de sua vida, pois viveu com uma qualidade de vida santa que só Cristo podia lhe dar.

Com apenas 20 anos, Santo Antão havia perdido os pais; ficou órfão com muitos bens materiais, mas o maior bem que os pais lhe deixaram foi uma educação cristã. Ao entrar numa igreja, ele ouviu a proclamação da Palavra e se colocou no lugar daquele jovem rico, o qual Cristo chamava para deixar tudo e segui-Lo na radicalidade.

Antão vendeu parte de seus bens, garantiu a formação de sua irmã, a qual entrou para uma vida religiosa. Enfim, Santo Antão foi passo-a-passo buscando a vontade do Senhor. Antão deparou-se com outra palavra de Deus em sua vida “Não vou preocupeis, pois, com o dia de amanhã. O dia de amanhã terá as suas preocupações próprias. A cada dia basta o seu cuidado”(Mt 6,34).

O Espírito Santo o iluminou e ele abandonou todas as coisas para viver como eremita. Sabendo que na região existiam homens dedicados à leitura, meditação e oração, ele foi aprender. Aprendeu a ler e, principalmente a orar e contemplar. Assim, foi crescendo na santidade e na fama também.

Sentiu-se chamado a viver num local muito abandonado, num cemitério, onde as pessoas diziam que almas andavam por lá. Por isso, era inabitável. Ele não vivia de crendices; nenhum santo viveu. Então, foi viver neste local. Na verdade, eram serpentes que estavam por lá e, por isso, ninguém se aproximava. A imaginação humana vê coisas onde não há.

Santo Antão construiu muros naquele lugar e viveu ali dentro, na penitência e na meditação. As pessoas eram canais da providência, pois elas lhe mandavam comida, o pão por cima dos muros; e ele as aconselhava. Até que, com tanta gente querendo viver como Santo Antão, naquele lugar surgiram os monges. Ele foi construindo lugares e aqueles que queriam viver a santidade, seguindo seus passos, foram viver perto dele.

Ele foi crescendo em idade, em sabedoria, graça e sensibilidade com as situações que afetavam o Cristianismo. Teve grande influência junto a Santo Atanásio no combate ao arianismo. Ele percebeu o arianismo também entre os monges, que não acreditavam na divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo. Antão também foi a Alexandria combater essa heresia. Santo Antão viveu na alegria, na misericórdia, na verdade. Tornou-se abade, pai, exemplo para toda a vida religiosa. Exemplo de castidade, de obediência e pobreza.

A "Vida de Santo Antão" foi escrita por Santo Atanásio em grego. Do texto grego se conhecem 165 manuscritos. Mais da metade deles se conservam na forma que receberam na compilação de Simeão Metafrasto, o hagiógrafo grego, em fins do século X. Este texto só teve até agora duas edições originais. A primeira foi feita por David Hoeschel em 1611; por este texto todo o século XVII conheceu a "Vida". Em 1698, os beneditinos da Congregação de São Mauro J. Loppin e B. de Montfaucon publicam a primeira edição crítica das obras de Santo Atanásio, a qual figura na Patrologia grega de Migne, t.26, col. 837-976.

De fato, ambas as edições, salvo algumas variantes, continuam utilizando o texto metafrástico. Seria necessária uma edição crítica do texto grego. Do texto original há duas versões latinas e várias orientais. A versão latina mais conhecida é a devida ao presbítero Evágrio de Antioquia, que no ano 388 chegou a ser bispo de sua cidade; Evágrio era amigo de São Jerônimo, e dedicou sua tradução a Inocêncio, amigo comum de ambos, morto em 374. Esta versão é, pois, do tempo de Santo Atanásio, e deve ter sido feita pouco depois da publicação do original, o que demonstra sua ampla difusão e popularidade. Dom André Wilmart deu a conhecer em 1914 a existência de outra versão latina distinta, conservada num códice do Capítulo da Basílica de São Pedro, e publicou algumas partes. Gérard Garitte editou-a integralmente em 1939.

Supõe-se hoje em dia, geralmente, que esta versão é também anterior à de Evágrio, mas a deste é que foi constantemente copiada e impressa. Aparece efetivamente na edição beneditina mencionada anteriormente, ao pé do texto grego, e é também a publicada por Migne, tanto na Patrologia grega como no vol. 73, col. 125-168, da Patrologia latina. Também existem versões coptas, árabes, etíopes, sírias, armênias e georgianas, algumas já editatas, outras entretanto inéditas.

Como se pode perceber, para observarmos a existência desse personagem que transita entre a história e a ficção, não se pode desconsiderar não só a existência de uma hagiografia de Santo Antão, como também a intencionalidade do texto. A definição de hagiografia, por Michel de Certeau, deve então ser um tanto matizada a partir desse momento histórico, pois o santo já não exibe linearmente as potencialidades que encontrou no berço. Ao contrário, a santidade se adquire pela superação da prova, do trágico, e ao preço de uma conversão que decerto se efetua por ingerência divina, mas deve-se também à iniciativa do indivíduo eleito, cuja coragem é um sinal tangível de sua beatitude. (DOSSE, 2009, p.144)

A partir dos séculos XII e XIII, nos quais aconteceram amplas mudanças sociais e culturais, a trajetória dos santos ganhou aspectos mais humanos, demonstrando que os homens também pecavam e podiam se redimir, chegando ao estado de beatificação. Alcançava essa graça só pessoas de origem nobre, como observado acima. Nesse sentido, os fidalgos, que durante toda vida estiveram embebidos nas coisas mundanas, poderiam se tornar santos.

Gustave Flaubert (1821-1880) percebeu esse fato e produziu essa obra de caráter mistico. No entanto, se consolida como grande escritor realista, principalmente, pela fama de *Madame Bovary*, narrativa objetiva, construída aos moldes naturalistas e

das correntes científicas da segunda metade do século XIX, _tais como o Determinismo, o Evolucionismo e o Positivismo_, acerca personagem adúltera que ocasionou perseguições da sociedade da época e até um processo.

Esse é um dos fatores que surpreendem o leitor de *As tentações de Santo Antão.* O fato de um autor conhecido por sua crença na palavra exata e no esmero estilístico produzir um texto que carrega uma densidade mística e indefinida, a respeito de um santo.

As justificativas para tal escolha podem variar. O escritor francês deixou registradas suas inquietações e perturbações nervosas que o acometiam enquanto escrevia – sofrimentos, segundo ele, comparáveis à mortificação da carne dos primitivos santos católicos. E da maneira como a história se configura, percebe-se que o escritor mundano que é está presente.

Outra razão a ser considerada para escolha de Flaubert se deve ao fascínio do escritor por um quadro do pintor flamengo Pieter Brueghel, o Velho – e o livro, por sua vez, inspirou uma série de iluminuras sombrias de Odilon Redon, que são reproduzidas na edição brasileira.

Seja *As tentações de Santo Antão* de Flaubert ou as inúmeras pinturas referentes ao livro, todas dizem respeito a Antão, um asceta egípcio do século III que teria sido tentado pelo diabo quando passou vinte anos no deserto. Já no prefácio, escrito para a obra de Flaubert, o poeta francês Paul Valéry acentua a fragilidade do protagonista de *Tentações* que "existe pouco" diante dos deuses, demônios, mitos e monstros que povoam o espaço da narrativa, ou seja, o deserto.

Em 1849, a primeira versão de *Tentações* foi apresentada a amigos de Flaubert, os quais o recomendaram a jogar o original na lareira. Inconformado com opinião tão radical, Flaubert modificou e reduziu o texto várias vezes, até sua versão definitiva em livro, de 1874.

Entretanto, a explicação mais plausível para a composição dessa obra inclassificável advém de uma pesquisa exaustiva da história das religiões realizada pelo autor, a qual oferece informações que vão do gnosticismo de Valentim à ortodoxia de Tertuliano, diversas doutrinas e heresias do cristianismo primitivo se presentificam em dúvidas implacáveis diante de um Antão absolutamente confuso.

Personagens no mínimo exóticas também visitam o santo, tais como a rainha de Sabá e Nabucodonosor, os deuses olímpicos e até o próprio Buda. E é a sucessão de

argumentos religiosos que acabam por criar o efeito de ceticismo e descrença no leitor, que se vê questionado a fé religiosa em face de tantas verdades.

> Pelo chão, abaixo dele, se rojam reis cativos, sem pés nem mãos, aos quais ele atira ossos para roerem; mais além, estão os seus irmãos, de olhos vendados, todos cegos. (...) Gladiadores trazem leões. Dançarinas, com o cabelo preso em redes, rodopiam sobre as mãos, soltando fogo pelas narinas; saltimbancos negros fazem malabarismos, crianças nuas se atiram bolas de neve, que se desfazem no brilho da baixela. O clamor é tão forte que parece uma tempestade, e uma nuvem flutua sobre o festim, tantas são as comidas e os vapores. De vez em quando, uma fagulha dos grandes tocheiros, levada pelo vento, atravessa a noite como uma estrela cadente. O rei limpa com o braço os perfumes do rosto. Come nos vasos sagrados e os quebra depois. Enumera, de memória, suas frotas, seus exércitos, seus povos. Logo mais, por capricho, incendiará o palácio com seus convivas. (FLAUBERT, 2000, p. 78)

Fica, portanto, evidente que Flaubert não buscava retratar a purificação conhecida na lenda de Santo Antão. Pelo contrário, ele evidencia de modo plástico o que seriam as alucinações da personagem. Imagens repletas de referências ao pecado, ao sexo, ao exagero de todas as ordens enfim.

Mesmo porque as simbologias de santo Antão em Flaubert são uma espécie de retorno dos sentidos corporais alienados pela abstinência. A impressão que se tem é que o fascínio que o autor tinha por Sade é transferido para as tentações d Santo Antão.

Além disso, a imagem do ermitão, criada por Flaubert em muito coincide com a imagem do escritor em sua solidão alucinante, em busca da imagem perfeita, da história perfeita. As ilusões da carne são no fundo as ilusões da escritas transfiguradas em imagens tentadoras que depende a literatura e sob as quais funda sua lei de verossimilhança e verdade.

Por fim, o deserto de Antão pode ser reconhecido como a folha em branco de Flaubert onde a *ilusão é a única verdade.* (FLAUBERT, 2008, p.239)

3. REFERÊNCIAS

CARDOSO, João Batista. **Um mapa da história sobre o mapa da ficção**. Ed. Unb, 2008, p. 23.

DOSSE, François. **O desafio biográfico:** escrever uma vida. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009, p. 144.

FLAUBERT, Gustave. **As tentações de Santo Antão**. Edusp, São Paulo. 2008.

LIMA, Luiz Costa. **História. Ficção. Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 76.